

Markus Fischer: uma psicologia política em Maquiavel?

Flávia Benevenuto¹

Christiane Cardoso Ferreira²

Submetido em: 10/07/2019

Aceito em: 29/07/2019

Publicado em: 08/10/2019

Resumo

O presente trabalho trata de acompanhar uma parte da argumentação desenvolvida por Markus Fischer na defesa de uma psicologia política em Maquiavel. Verificando sua metodologia, o objetivo é apontar possíveis avanços na compreensão dos textos de Maquiavel, assim como eventuais problemas nesse tipo de abordagem anacrônica.

Abstract

This paper is intended to follow part of the arguments developed by Markus Fischer in the defense of a political psychology in Machiavelli. Verifying his methodology, our objective is to point out possible advances in the comprehension of Machiavelli's texts, as well as occasional problems in this type of anachronistic approach.

¹ Universidade Federal de Alagoas – UFAL e Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe – UFS.

Esse texto é parte do resultado de pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas - FAPEAL.

² Universidade de São Paulo – USP.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Markus Fischer, em seu “Machiavelli’s Political Psychology”, procura identificar as premissas psicológicas subjacentes à teoria maquiaveliana. Muito embora reconheça que o autor florentino não as tenha apresentado de modo ordenado e que lida com elas de acordo com seus propósitos retóricos, Fischer pretende não somente identificá-las³, mas utilizá-las para contestar a relação e inclusão de Maquiavel no movimento conhecido como “humanismo cívico”, partindo do pressuposto que tal movimento tem enraizamento aristotélico⁴. Esse ponto de partida metodológico, por si só, merece algumas considerações. Dado que o pressuposto teórico de Fischer é declaradamente anacrônico⁵, não se trata de reconhecer ou identificar anacronismos, haja vista que estão postos como tal pelo autor. Pelas mesmas razões, não se trata também nem de corroborá-los ou contestá-los. Interessa-nos investigar a eficácia dos resultados de sua investigação. Em outras palavras, deixando de lado o ponto de partida de Fischer, claramente anacrônico, objetiva-se verificar se suas conclusões nos levam a lugares novos que podem ser corroborados pelos pontos de partida tradicionais e cronológicos. Haveria, na proposta anacrônica de Fischer, um elemento novo capaz de nos ajudar a compreender melhor a teoria maquiaveliana?

Pode-se afirmar que a chave para a reconstrução e compreensão das premissas psicológicas de Maquiavel⁶, tal como utilizada por Fischer, consiste na distinção entre *propriedades necessárias* e *atributos*

³ FISCHER, Markus. “Machiavelli’s Political Psychology”, in: **Cambridge University Press for the University of Notre Dame du lac on behalf of Review of Politics. The Review of Politics**, Vol. 59, n. 4 (Autumn, 1997, pp. 789-829), pp. 789-790.

⁴ FISCHER, *op. cit.*, p. 791.

⁵ Acompanhamos o conceito de anacronismo controlado, tal como desenvolvido por LOURAX, Nicole. Elogio do anacronismo. In: NOVAES, Adauto (org.). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

⁶ Todas as citações diretas dos textos de Maquiavel feitas por Fischer foram apresentadas em língua portuguesa tais como constam nas Edições Martins Fontes. Mantivemos também as indicações das passagens segundo se encontram nas referidas traduções para a língua portuguesa. Elas foram cotejadas com a edição original tendo em vista evidenciar eventuais inconsistências terminológicas ou problemas relacionados à tradução.

*contingentes*⁷. Desse modo, para ele, seria justamente essa distinção que explicaria a imagem do “homem” maquiaveliano que estaria entre a voracidade e a civilidade. As propriedades necessárias constitutivas da primeira natureza, incluem: 1. O espírito que anima o corpo; 2. A mente com suas faculdades de pensamento, imaginação e memória; 3. Desejos de preservação, glória, poder, liberdade, bens e prazer sexual; 4. Os humores recebidos das estrelas. É interessante notar que nesta última, Fischer parece corroborar os pressupostos assumidos por Anthony Parel em *The Machiavellian Cosmos*⁸, que presume, assim como já havia feito Leo Strauss⁹, que a fortuna em Maquiavel seria o mesmo que céu.

1. Atributos contingentes e as propriedades fisiológicas tradicionais

Para Fischer, os atributos contingentes consistiriam na formação de uma espécie de segunda natureza do homem, que explicaria a habituação dos homens às leis e aos deuses e o que faria possível a vida institucional das repúblicas¹⁰. Partindo deles, Fischer se propõe a investigar quais eram as premissas psicológicas de Maquiavel sobre a essência humana. Estas seriam herdeiras da tradicional teoria médica medieval, o que por sua vez acordava com os ideais renascentistas de retorno às fontes da Antiguidade Clássica e a preferência por explicações fisiológicas em detrimento das filosóficas¹¹. Novamente, precisamos insistir na ressalva de que o propósito de Fischer não está alinhado aos objetivos de Maquiavel. De fato, parece-nos que o problema da essência não consta entre os problemas investigados pelo florentino. Fischer se propõe a investigar os propósitos psicológicos de premissas que entendemos compor as

⁷ FISCHER, *op. cit.*, p. 794-796.

⁸ PAREL, Anthony. **The Machiavellian cosmos**. New Haven, London: Yale University Press, 1992.

⁹ STRAUSS, Leo. **Thoughts on Machiavelli**. Chicago; London: University of Chicago Press, 1958.

¹⁰ FISCHER, *op. cit.*, p. 799.

¹¹ FISCHER, *op. cit.*, pp. 791-792.

metáforas a partir das quais Maquiavel desenvolve temas que se fizeram importantes em seus textos, mas isso não é pontuado por Fischer.

Essas referências fisiológicas, apesar da origem clássica, proviriam de diferentes vertentes das teorias que teriam sido reelaboradas e rerepresentadas posteriormente, segundo Fischer, até mesmo ao longo da Idade Média, que também contou com a contribuição de filósofos e fisiologistas islâmicos, além dos europeus. De acordo com ele, seria necessário destacar duas correntes pré-modernas importantes sobre a explicação de alma. Primeiro, uma teoria imanente do espírito corporal (*bodily spirit*), sensações internas e humores, desenhadas principalmente a partir da teoria da percepção de Aristóteles e do compêndio da medicina antiga de Galeno¹². Já a segunda corrente faria a integração destes conceitos médicos com a ideia de uma alma transcendente que contém intelecto e vontade (*will*).

Fischer parte para a recuperação das teorias de alma e espírito, com seus respectivos registros fisiológicos para determinar como funcionaria o pensamento maquiaveliano, que como veremos, segundo ele, se vincularia mais à teoria do espírito. Escrutinar os conceitos e teorias médicas com seus dados fisiológicos parece ter a importância metodológica, para Fischer, de dar consistência à sua busca por uma essência psicológica na política maquiaveliana. Neste sentido, encontrar a qual teoria e/ou conceitos os textos maquiavelianos fariam referência seria, então, encontrar o desdobramento da visão de Maquiavel sobre o funcionamento psicológico e o modo de proceder humano, inclusive na política. Fischer recupera, para tanto, a noção de *pneuma* tal como utilizada pelos estoicos, apresentando o espírito como uma substância etérea que media as várias funções dos organismos vivos. Seriam três as variedades de espírito: natural, vital e animal. Busca, a partir disso, encontrar em qual dos três espíritos e em qual lugar no corpo residem as faculdades do pensamento ou engenho (*cogitatio, ingenium*), da imaginação (*imaginatio fantasia*) e da

¹² FISCHER, *op. cit.*, p. 792.

memória¹³. Estas três faculdades constituiriam juntas a mente (*mind*) e as sensação interna (*inner sense*).

Contudo, de acordo com Fischer, as propriedades funcionais de um organismo dependeriam, em larga medida também dos *humores*, que são os quatro fluídos corporais: sangue, cólera, fleuma e bile preta. A importância dos fluídos são várias, uma delas corresponde à determinação do temperamento, por afetar a sensação interna (ou mente) e ser a causa de diferenças mentais entre os homens. Os humores, portanto, poderiam fazer a pessoa mais ou menos sanguínea, colérica, fleumática ou melancólica. Desta forma, os *humores* possuem qualidades inerentes (calor, frio, umidade e aridez), que também têm correspondência com os quatro elementos primordiais (terra, água, ar e fogo) e acabam por transmitir aos organismos as influências climáticas e astrais. Fischer acrescenta que, paralelamente, a tradição aristotélica definia os aspectos transcendentais dos seres humanos como sua alma intelectual, dotada de livre arbítrio e razão, de modo que fosse capaz abstrair universais de experiências sensoriais, enquanto as emoções e a digestão, por exemplo,

¹³ O espírito natural é produzido pelo fígado e habita o sangue escuro das veias, de onde regulam a nutrição, o crescimento e a geração ou formação. Este tipo de espírito é rarefeito no coração, onde há mais espírito vital, que envia sangue claro para as artérias. As emoções são experienciadas quando o espírito vital é movimentado por sensações, eventos prazerosos, ou maus sonhos. O espírito vital é rarefeito nos vasos sanguíneos na base do cérebro, onde predomina o espírito animal (*spiritus animalis, animus*), de onde sente-se os nervos externo e os três ventrículos do cérebro. No ventrículo frontal do cérebro, o espírito animal carrega as impressões vindas de objetos externos, trazidas por órgãos sensoriais, local que reside a faculdade da imaginação (*imaginatio fantasia*). A imaginação, por sua vez, transforma as impressões sensoriais fugazes em imagens mais duráveis e abstratas, carregadas pelo espírito animal no ventrículo central cerebral, aonde a faculdade do pensamento ou engenho (*cogitatio, ingenium*) residem. O pensamento executa as tarefas da razão instrumental relacionando imagens novas, chegadas pelo ventrículo frontal, com as imagens mais antigas, carregadas pelo espírito animal no ventrículo posterior, onde a faculdade da memória reside. Além disso, o pensamento controla os movimentos musculares por meio do espírito animal que flui pelo cordão espinhal e pelos nervos motores. Juntos, as faculdades da imaginação, do pensamento e da memória constituem a “sensação interna” (*inner sense*) ou a “mente” (*mind*). Ainda segundo Fischer, posteriormente aos estoicos, acrescentou-se mais duas sensações internas: à frente da imaginação, colocou-se o “senso comum” (*sensus communis*), definido como a capacidade para combinar qualitativamente diferentes impressões que fluem de diferentes órgãos sensoriais. Por último, dividiu-se o ventrículo central, agora não apenas responsável pelo pensamento, mas pela estimativa, para separar esta – correspondente às capacidades intuitivas dos animais – da capacidade de raciocínio do ser humano (FISCHER, *op. cit.*, pp. 792-793).

correspondiam a poderes imanentes da alma orgânica. Já a tradição que se edificou a partir da academia de Platão se diferiria daquela corrente principalmente por definir a alma como aquilo que vincula o divino e o terreno, o que por sua vez, acaba por separar definitivamente a alma do corpo. Contudo, ambas as tradições defendiam que a alma governava o corpo por meio da mente e do espírito.

Fischer não identifica os filósofos, apenas afirma que também havia a crença de que os seres humanos adquirem *habitus*, ou seja, disposições quase permanentes que seriam ações particulares que são repetidamente executadas, que podem ser perdidas pelo desuso. Apesar disso, afirma que a analogia da cidade à alma de Platão, levou a teoria humoral da saúde para justificar o regime misto, alegando que o bem-estar da cidade se baseia na satisfação proporcional de seus grupos constituintes, do mesmo modo que o bem-estar corporal depende do equilíbrio adequado de seus humores¹⁴.

Toda essa análise da tradição, tal como apresentada por Fischer, é interessante para compreendermos o enraizamento teórico dos pressupostos do autor. No entanto, é forçoso dizer, que assumir de antemão que Maquiavel é herdeiro direto dos debates apontados aqui como destacáveis na tradição careceria de uma investigação mais aprofundada. Não porque esses conteúdos não constituíssem as discussões do tempo de Maquiavel, mas porque ao estabelecer um debate com a tradição de forma mais direta em seus textos, Maquiavel nem sempre confirma seus pressupostos¹⁵. De fato, como era característico dos autores do período do Renascimento Italiano, Maquiavel estabelece debate com os Antigos, sendo possível, por vezes, identificar em seus textos elementos que remetem seu leitor aos textos de Cícero, Tito Lívio, Políbio, dentre outros. Mas, mesmo quando identificamos essas referências

¹⁴ FISCHER, *op. cit.*, p. 794.

¹⁵ Tratamos da relação que Maquiavel estabelece, por exemplo, com os textos de Políbio e Tito Lívio em: BENEVENUTO, Flávia. "Maquiavel e a Tradição republicana", **Prometeus Filosofia**, 2019.2.

diretas, Maquiavel não costuma assumir integralmente os pressupostos dos antigos. A título de exemplo, podemos mencionar suas discordâncias claras em relação a passagens muito conhecidas do *De officiis* de Cícero, de onde Maquiavel toma temas clássicos como ser (o governante) amado ou temido¹⁶, ou a metáfora da raposa e do leão¹⁷, para dar soluções opostas às de Cícero. Seu leitor mais atento observa suas discordâncias em relação aos resultados da teoria da anaciclose de Políbio¹⁸. Além, disso, estabelecer uma relação direta com os textos de Aristóteles, pressuposto assumido por Fischer no início do texto, careceria de mais esclarecimentos, assim como da explicitação das passagens específicas nos textos de Maquiavel, evidenciando tal relação de modo mais contundente. Maquiavel parece, em grande medida, justamente se opor a alguns pressupostos aristotélicos importantes, dentre eles, a ética da justa medida e à própria ideia de equilíbrio. Esta última parece ser apontada por Fischer para justificar *equilíbrio* entre os humores, o que é passível de discussão nos textos de Maquiavel e, portanto, careceria de uma análise mais aprofundada¹⁹.

¹⁶ CÍCERO, Marco Túlio. **Dos deveres**. Tradução de Angélica Chiapeta. São Paulo: Martins Fontes, 1999, pp. 92-93; MAQUIAVEL. **O Príncipe**. São Paulo: Martins Fontes, 2011, XVII, pp. 81-84. No presente trabalho, para referenciar a obra *O Príncipe*, usaremos a abreviatura P, seguida do capítulo e página da edição brasileira utilizada, quando em nota no corpo do texto. Quando a citação for da edição italiana, usar-se-á a notificação da ABNT.

¹⁷ CÍCERO, *op. cit.*, p. 24; MAQUIAVEL. P, XVII, pp. 81-84.

¹⁸ POLYBE. **Histoires**. Livre VI. Paris: Les Belles Lettres, 2003, (VII, 4-10), pp. 72-79; MAQUIAVEL, **Discursos a Primeira Década de Tito Lívio**. São Paulo: Martins Fontes, 2007, I, 2, pp. 14-17. As seguintes abreviaturas serão usadas para a obra *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio*:
1. *Discursos*, quando no texto;
2. D, seguida do livro e do capítulo e página da edição brasileira utilizada, quando em nota no corpo do texto ou como referência bibliográfica;
3. Quando a citação for da edição italiana, usar-se-á a notificação da ABNT.

¹⁹ Sobre a questão do uso de modelos antigos para pensar o equilíbrio entre os humores de Maquiavel, ver: FERREIRA, Christiane Cardoso. **Os conflitos civis em Maquiavel: o problema dos humores**. Dissertação (Mestrado em Ciências Políticas). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016, pp. 33-42. GAILLE-NIKODIMOV, Marie. **Conflit civil et liberté: La politique machiavelienne entre histoire et médecine**. Paris: Honoré Champion, 2004, p. 45-52.

2. *Natureza e Acidente*

A distinção entre propriedades necessárias e atributos contingentes constitui o método utilizado por Fischer para pensar alguns termos contrastantes usados por Maquiavel em suas frases ou ao longo de sua construção argumentativa. Ao aplicar esse método, Fischer se reaproxima dos escritos de Maquiavel e procura investigar questões bastante pertinentes à problemática enfrentada pelo florentino. A primeira dupla de termos contrastantes é natureza e acidente. Deter-nos-emos, primeiramente, a esclarecer como Fischer compreende o termo acidente. Em sua interpretação, haveria dois significados para este termo nas obras maquiavelianas: 1. uma característica adquirida que vem a ser e morre; 2. um acontecimento fortuito originário dos caprichos da Fortuna, que não pode ser previsto pelos humanos. Num plano mais profundo, Fischer compreende que estes dois conceitos de acidente têm um terreno comum nas premissas aristotélicas de que um atributo accidental é feito para aderir à natureza por um evento accidental. No pensamento maquiaveliano, essa adesão à natureza ocorreria, por exemplo, quando um legislador tivesse a possibilidade de emergir e forçar a adesão de hábitos legais a uma multidão licenciosa²⁰. Um dos exemplos usados por Fischer se refere ao exército gaulês, cuja fúria natural não fez frente à “ordenação accidental” das legiões romanas, entendendo-se por *accidental* a ordenação formada por treinamento, contrapondo-se à ideia daquela que se forma fortuitamente durante a batalha²¹.

Fischer apresenta ainda um segundo par de termos contrastantes, a saber, “natureza” e “arte”, no sentido de aquisição de características. O exemplo usado é o dos homens sob pressão emocional: ele recorre a uma passagem em que Maquiavel, tratando daqueles que foram expulsos da pátria, afirma que: “e, quanto às vãs promessas e esperanças, é tão extremada a vontade que têm de voltar a casa que acreditam

²⁰ FISCHER, *op. cit.*, p. 796.

²¹ FISCHER, *op. cit.*, p. 796.

sinceramente em muitas coisas falsas e a estas somam com ardil [arte] muitas outras [...]”²². Já d’*O Príncipe* recupera a passagem em que o autor afirma que “estas coisas com que aqueles imperadores que, por natureza ou por arte, não tinham reputação suficiente para manter um e outro [o povo e os soldados] sob controle, se arruinassem”²³.

Contudo, Fischer defende que a forma mais importante de atributo contingente é a terceira, relacionada aos hábitos. De fato, é por meio dos hábitos que características adquiridas podem se tornar tão estáveis e determinantes de ações que permitem aos teóricos fazerem afirmações gerais sobre os assuntos humanos para além dos assuntos das propriedades necessárias. Fischer busca exemplos nas palavras de Maquiavel: em que há lições a serem aprendidas da História

[...] porque todas as coisas humanas, em todos os tempos, encontram correspondência nos tempos antigos. Isso ocorre porque, tendo sido feitas pelos homens que têm e sempre tiveram as mesmas paixões, tais coisas só poderão produzir os mesmos efeitos. É verdade que as obras deles são ora mais virtuosas nesta província do que naquela, ora mais naquela do que nesta, segundo a forma de educação em que tais povos aprendem a viver. *O que também facilita conhecer as coisas futuras pelas passadas é ver que uma nação mantém os mesmos costumes por muito tempo [...]*²⁴ (os grifos são nossos e correspondem às partes fragmentadas citadas por Fischer).

Pelas citações ²⁵, Fischer pretendeu demonstrar que os atributos contingentes são habilidades, pensamentos e hábitos adquiridos. Na sequência de seu texto trata sobre o conceito de “natureza”, afirmando

²² MAQUIAVEL, D, II, 31. FISCHER, *op. cit.*, pp. 796-797.

²³ MAQUIAVEL, P, XIX, p. 94.

²⁴ MAQUIAVEL, D, III, 43, p. 445.

²⁵ As citações feitas por Fischer do texto de Maquiavel foram apresentadas de forma fragmentada. Preferimos apresentar o trecho completo.

que, para Maquiavel, pode ser entendido também de diferentes maneiras. Inicialmente, pode-se entender natureza como se refere o senso comum, ou seja, os grandes aspectos essenciais e ordinários das coisas. Contudo, mais pertinente para a interpretação de Fischer, é tomá-lo como significando propriedades universais dos seres humanos, tal como a natureza “ambiciosa e suspeitosa” do homem²⁶. Aqui, então, natureza indicaria características inatas de indivíduos particulares, de grupos e de animais. Deste modo, um homem ou grupo de homens pode sofrer de uma “natural defect of spirit”²⁷ enquanto outro tem uma “agreeable nature”²⁸. Sobre grupos, Maquiavel daria a entender que “para conhecer bem a natureza dos povos é preciso ser príncipe, e, para conhecer a natureza dos príncipes, é preciso ser do povo”²⁹. Ainda é possível conhecer a natureza, ou seja, as características particulares dos animais, e imitá-las. Esta possibilidade de imitação de naturezas particulares é importante aqui porque revela uma ideia paradoxal de natureza que muda. Além do tradicional exemplo do príncipe que deve usar as características específicas do leão (a força) e da raposa (a astúcia)³⁰, Fischer³¹ traz um

²⁶ MAQUIAVEL, D, I, 29, p. 93.

²⁷ MAQUIAVEL, P, IX, p. 47. A expressão “natural defect of spirit” tem a tradução ao português “defeito natural de caráter”, no original “defetto naturale d’animo” (MACHIAVELLI. **II Príncipe**. Torino: Einaudi-Gallimard, 1961, p. 35). Na passagem indicada por Fischer, Maquiavel, ao tratar especificamente dos grandes afirma: “Os que não se associam [à tua fortuna] devem ser examinados de duas formas: ou o fazem por pusilanimidade e defeito natural de caráter, e nesse caso debes servir-te deles, principalmente se forem bons conselheiros, pois eles se honrarão na prosperidade e nada terás a temer deles na adversidade; ou então não se associam de propósito e por ambição, o que é sinal de que pensam mais em si mesmos do que em ti: debes proteger-te contra eles e temê-los como se fossem inimigos declarados, porque sempre contribuirão para tua ruína na adversidade” (P, IX, pp. 46-47).

²⁸ Maquiavel, P, XVII, p. 84. “Agreeable nature” está traduzido em português por “natureza complacente”; no original temos “natura facile” (MACHIAVELLI. **II Príncipe**. Torino: Einaudi-Gallimard, 1961, p. 62). A passagem indicada por Fischer é a seguinte: “Os lócrios, que tinham sido destruídos por um subordinado de Cipião, não foram vingados por ele, nem foi punida a insolência daquele comando: tudo isso em decorrência de sua natureza tão complacente (*facile*)” (P, XVII, p. 84).

²⁹ MAQUIAVEL, P, dedicatória, p. 4.

³⁰ MAQUIAVEL, P, XVIII, p. 86.

³¹ FISCHER, *op. cit.*, pp. 797-798.

outro exemplo: não foi bom que Ápio Cláudio “mudasse, repentinamente, de natureza, deixando de mostrar-se amigo para mostrar-se inimigo da plebe; passando de humano a soberbo, de fácil a difícil”³².

Finalmente, natureza em Maquiavel, segundo Fischer³³ pode fazer referência a hábitos característicos de seres humanos como uma segunda natureza, tal como nos principados em que os súditos se acostumaram com determinada dinastia por causa da antiguidade da linhagem: “Esses barões possuem estados e súditos próprios, que os reconhecem como senhores e nutrem por eles natural afeição”³⁴; ou ainda como no caso Quinto Fábio:

Note-se ainda nessa questão do decenvirato, *com que facilidade os homens se corrompem e se tornam de natureza contrária*, conquanto bons e bem-educados, se considerarmos como a juventude com que Ápio se rodeou começou a ser amiga da tirania pelo pouco de utilidade que ela lhe ensejava, e como Quinto Fábio, um dos homens do segundo decenvirato, embora ótimo, engeguecido por um pouco de ambição e persuadido pela maldade de Ápio, *transformou seus bons costumes em péssimos* e tornou-se semelhante a eles³⁵ (os grifos são nossos e correspondem às partes fragmentadas citadas por Fischer).

Com estes exemplos, a conclusão de Fischer é que o contraste de Maquiavel entre natureza e hábito pode também ser descrito como a diferença entre primeira e segunda naturezas³⁶.

Mais uma vez, faz-se necessário considerarmos que o assunto exposto é complexo e, dados os propósitos de Fischer, carece de maior investigação

³² MAQUIAVEL, D, I, 41, p. 131.

³³ FISCHER, *op. cit.*, p. 798.

³⁴ MAQUIAVEL, P, IV, p. 19.

³⁵ MAQUIAVEL, D, I, 42, p. 131.

³⁶ FISCHER, *op. cit.*, p. 798.

em seu texto. O assunto é, de fato, pertinente e diz respeito aos significados que natureza e acidente assumem nos textos maquiavelianos. Sabemos que Maquiavel recorre ao termo natureza, à semelhança do que fazia Cícero, por exemplo. Porém, diferentemente dele, Maquiavel parece não assumir os preceitos da natureza estoica. Além disso, a forma como Maquiavel lida com esses termos e seus significados tradicionais não necessariamente dizem respeito aos assuntos que, de fato, constituem os pontos centrais de investigação em seus textos. Fischer apontou aqui um campo fértil para investigação e consideramos que um estudo mais sistemático sobre o tema dos acidentes poderia trazer contribuições substanciais, tanto quanto uma investigação direcionada ao uso do termo natureza nos textos de Maquiavel.

3. Propriedades Necessárias

Ao tratar o que considera ser as propriedades necessárias, Fischer afirma que “os componentes essenciais de nossa primeira natureza são espírito, mente, desejos e humores”³⁷. Ele justifica a análise destes quatro componentes afirmando que, como seu objetivo é lançar luz sobre como Maquiavel teria se apropriado e assimilado os conceitos médicos ou os conceitos da psicologia medieval ao seu pensamento político.

3.1 Alma³⁸ e espírito³⁹

De acordo com Fischer, Maquiavel se difere da maioria dos pensadores da Renascença por não concordar com a celebração da alma intelectual como a essência do homem. É possível encontrar o termo “alma” nos textos maquiavelianos, contudo em pequeno número, confirmando-se apenas três citações⁴⁰. Além disso, Fischer considera que sempre que ele o faz,

³⁷ FISCHER, *op. cit.*, p. 813.

³⁸ Traduzimos por “alma” a palavra “soul” usada por Fischer.

³⁹ Traduzido da palavra “spirit” usada por Fischer.

⁴⁰ Segundo Fischer, *op. cit.*, p. 799: CF*, 225, 1010; HF**, III, 8; AG***, I.

categoriza a alma em um grau de importância inferior ao bem-estar da cidade e do amor à pátria. Contudo, haveria (para Fischer) uma razão mais profunda para evitar a alma: a crença de Maquiavel na astrologia, o que explicaria o mundo em termos de oculto, sem, no entanto, entrar em qualquer nível transcendente da existência, apesar das causas serem naturais⁴¹. Portanto, Fischer defende que a negligência do pensador florentino em relação à “alma” não é mera omissão, mas um esforço consciente de banir a ideia de transcendência da vida política⁴². Contudo, devemos apontar que a ideia de transcendência, na leitura de Fischer, estaria diretamente vinculada ao Cristianismo. Assim, negar a transcendência, seria negar a ideia cristã de salvação, que teria sido acusada por Maquiavel de ser culpada pela decadência da política na Europa. Maquiavel manteria, assim, uma força natural que explica o que chamamos de contingência fazendo referência, no entanto, a uma figura não cristã, a Fortuna. Fischer⁴³, então, dá força à seguinte passagem, que coloca em perspectiva o Deus cristão e a Fortuna: “Ainda que até agora se tenha mostrado algum vislumbre em alguém, a ponto de se julgar ter sido ele *ordenado por Deus* para sua redenção, o que se viu depois, no entanto, no auge de sua carreira, foi ser ele *reprovado pela fortuna*”⁴⁴ (grifos nossos que correspondem aos fragmentos usados por Fischer). Mencionar o uso das pequenas citações é especialmente importante nesta

* Cartas familiares, com números

** História de Florença: referenciada HF, livro, capítulo.

*** Arte da Guerra: referenciada AG, capítulo.

⁴¹ FISCHER, *op. cit.*, p. 799. Fischer toma em consideração a crença na astrologia a partir de PAREL, *op. cit.*, capítulo 3.

⁴² FISCHER, *op. cit.*, p. 800. Esta ideia é importante e parece ter ressonância com o texto “A originalidade de Maquiavel”, de Isaiah Berlin, que apresenta a tese de que Maquiavel não divorcia a política da moral, mas defenderia uma moralidade distinta da moralidade cristã, cujos valores enfatizam uma preocupação intensa com a salvação da alma, em detrimento da preocupação com as questões relativas à vida em comunidade. BERLIN, Isaiah. *A originalidade de Maquiavel*. In: **Estudos sobre a humanidade** – Uma Antologia de Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

⁴³ FISCHER, *op. cit.*, p. 799.

⁴⁴ MAQUIAVEL, P, XXVI, p. 128.

passagem, pois a veemência que Fischer dá aos trechos não diz respeito apenas à sobreposição da deusa pagã sobre o deus cristão, mas porque o escolhido por este último para fazer a redenção da Itália teria sido Cesar Borgia⁴⁵. Contudo, vemos na citação do trecho completo, que não há menção direta a Borgia, podendo, então, a interpretação ser questionada.

Dessa forma, para ele, ao rejeitar a teoria da alma intelectiva, Maquiavel precisou redefinir os termos que designavam o que entendemos como faculdades mentais ou de ordem superior, relativas apenas às capacidades humanas. Assim, raramente se refere à “razão” como uma capacidade mental – sentido psicológico do termo – mas principalmente no sentido discursivo de argumentação, como causa, fundamento, motivo. Livre arbítrio também é utilizado apenas como a capacidade de agir sem restrição externa, nunca como a capacidade de transcender o instinto, o apetite ou o hábito⁴⁶. Note-se que esta interpretação tem consequências importantes, pois mostraria um ponto de ruptura com os humanistas, que reivindicam livre arbítrio como liberdade da vontade a fim de reivindicar a dignidade do homem⁴⁷; além disso, esse conceito de liberdade, na interpretação de Fischer, colocaria Maquiavel como principal precursor de Thomas Hobbes por aproximar-se de seu conceito de liberdade. Esta interpretação diverge de outras importantes, que tomam Maquiavel como defensor da liberdade republicana como, por exemplo, Pocock, de quem Fischer discorda na última parte do texto, sem identificar as distinções dos pressupostos assumidos por eles.

Em lugar de alma (*anima*), Maquiavel usa o conceito de espírito (*animo*)

⁴⁵ A figura de Cesar Borgia é tema de uma grande discussão entre os estudiosos das obras de Maquiavel. Fischer parece se posicionar nesse debate sem apresentá-lo ou mesmo sem construir argumentos defendendo sua posição. Sobre Cesar Borgia, ver: MAQUIAVEL, **O Príncipe**, VII. GUERDAN, René. **César Borgia, Le “Prince” de Machiavel**. Paris: Librairie Académique Perrin, 1974. SFEZ, Gérald. **Le prince sans qualités**. Paris: Kimé, 1998. BENEVENUTO, Flávia. Maquiavel e o Caso Cesar Borgia. In: ADVERSE (org.). **Reflexões sobre Maquiavel: 500 anos de O Príncipe**. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

⁴⁶ FISCHER, *op. cit.*, p. 800.

⁴⁷ FISCHER, *op. cit.*, p. 800.

como o princípio motivacional do homem, uma espécie de energia para a ação. *Spiritedness*, neste sentido, é importante principalmente nos momentos de adversidade. Na ausência de uma alma intelectual, é o espírito que realiza as funções de vontade e intenção, assim “não se deve mostrar a intenção [*animo*] que se tem, mas sim procurar satisfazer o desejo de qualquer maneira”⁴⁸. Fischer também observa que Maquiavel associa *animo* com as faculdades mentais da imaginação, pensamento e memória, revelando, deste modo, claramente que pensa em termos de espírito animal, *animo* como a substância etérea da psicologia medieval que preenche o cérebro e os nervos.

Para Fischer, como os conceitos médicos estavam sendo transpostos por Maquiavel para sua teoria política, ele assume que os preceitos médicos também podem ser aplicados. Então, por similaridade, Fischer entende que o florentino faria uso da prática médica de expurgar o espírito que é afetado por maus humores, ao corpo político:

Como sabia que *os rigores passados haviam gerado certo ódio contra ele* [Remirro], *para purgar os ânimos do povo e ganha-lo para si*, quis mostrar que, se ocorreria alguma crueldade, ela não se originava dele, mas da natureza dura do ministro. Aproveitando-se de uma ocasião, certa manhã em Cesena mandou que *o expusessem em praça pública, cortado em duas partes*, tendo ao lado um bastão de madeira e uma faca ensanguentada. A ferocidade daquele espetáculo fez o povo ficar, ao mesmo tempo, satisfeito e estupefato⁴⁹. (Os grifos são nossos e correspondem as partes fragmentadas citadas por Fischer)⁵⁰.

⁴⁸ MAQUIAVEL, D, I, 44, p.134.

⁴⁹ MAQUIAVEL, P, 7, p. 33.

⁵⁰ “porque [Cesar Borgia] sabia que os rigores passados haviam gerado ódio para Remirro, para purgar os espíritos [*spirits*] do povo e ganhá-los inteiramente para ele” – tradução nossa da passagem tal como citada por Fischer (1997, p. 801). O original: “[...] “because [Cesare Borgia] knew that past rigors had generated some hatred for Remirro, to purge the spirits of the people and to gain them entirely to himself” he Remirro cut in half and displayed in the piazza”.

Nesta passagem podemos observar não apenas o uso de “spirit” traduzido por ânimo, por Fischer, mas também é possível ver sua interpretação sobre o método maquiaveliano: que seria uma transposição para o corpo político das teorias e práticas médicas humanas. É bem verdade que o florentino faz uso dos termos médicos, mas parece-nos que diante do exemplo exposto muito mais do que expurgar os humores, Maquiavel pretendia mostrar que Cesar Borgia pretendia manipular as paixões do povo ao seu favor. Pensando nesta interpretação diversa a de Fischer, o preceito médico não teria tanta aplicação a este caso, uma vez que o que está em jogo é uma jogada política.

Logo, as conclusões de Fischer parecem preceder de uma busca hermenêutica que pretende identificar a origem do pensamento de Maquiavel, em seu sentido mais profundo. Não se pode negar que esse é um trabalho árduo e repleto de riscos. Porém, não necessariamente nos oferece respostas definitivas acerca dos escritos de Maquiavel. Em outras palavras, buscar compreender as intenções do pensador florentino não necessariamente nos ajudar a melhor compreender seus escritos. É claro que essa é uma discordância em termos de pressupostos e não diminui os méritos da investigação feita por Fischer. Apenas questiona, em primeiro lugar, se, de fato, seria possível conhecer as intenções de Maquiavel. E, em segundo, uma vez conhecendo-as, se esse conhecimento traria uma melhor compreensão dos escritos do autor. Não nos parece que interpretar um autor clássico de forma anacrônica e a partir do que ele não se pôs a investigar seja a melhor estratégia para melhor compreender seus escritos.

3.2. Mente⁵¹

Sobre a mente Fischer inicia afirmando que “enquanto o espírito nos anima o ato, a mente nos conta como proceder”⁵² e segue usando fragmentos do seguinte trecho:

⁵¹ Tradução de “mind”, usado por Fischer.

⁵² FISCHER, *op. cit.*, p. 802.

E deve-se ter como regra geral que nunca, ou raramente, ocorre que alguma república ou reino seja, em seu princípio, bem-ordenado ou reformado inteiramente com ordenações diferentes das antigas, se não é ordenado por uma só pessoa; aliás, é necessário que um homem só dite o modo, e que de sua mente dependa qualquer dessas ordenações. Por isso, um ordenador prudente, que tenha a intenção [animo] de querer favorecer não a si mesmo, mas o bem comum, não a sua própria descendência, mas a pátria comum, deverá empenhar-se em exercer a autoridade sozinho; e nenhum sábio engenho repreenderá ninguém por alguma ação extraordinária que tenha cometido para ordenar um reino ou constituir uma república”⁵³ (os grifos são nossos e correspondem as partes fragmentadas citadas por Fischer).

Fischer continua afirmando que Maquiavel parece seguir fielmente a explicação médica ao seguir falando de imaginação, engenho e memória, além de utilizar o termo “cérebro” como sinônimo de mente. Ele parece tratar mente e engenhosidade como dois conceitos diferentes⁵⁴. O termo engenho é particularmente aplicado com o sentido de procurar meios de satisfazer os desejos mesmo em circunstâncias diferentes⁵⁵. Os exemplos utilizados por Fischer são o do novo príncipe que precisa de um grande engenho para saber como agir em sua nova posição⁵⁶; dos italianos que se sobressaem em duelos e lutas por causa de sua “força, destreza e engenho”⁵⁷, e o engenho do próprio Maquiavel ao escrever a obra *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio*⁵⁸.

⁵³ MAQUIAVEL, D, I, 9, p. 41.

⁵⁴ FISCHER, *op. cit.*, p. 802.

⁵⁵ FISCHER, *op. cit.*, p. 802.

⁵⁶ MAQUIAVEL, P, VII, p. 29.

⁵⁷ MAQUIAVEL, P, XXVI, p. 129.

⁵⁸ A partir deste momento, a referência a esta obra no corpo do texto será por *Discursos*.

Também usaria o termo “mente” como sinônimo de cérebro [*brain*], baseado em uma referência da medicina medieval. Partindo, então, do pressuposto que Maquiavel mantinha em seu texto a referência anatômica-fisiológica, Fischer assegura: “Além disso, como as faculdades da mente estão abrigadas nos ventrículos do cérebro, Maquiavel usa ‘cérebro’ [*cervello*] como um sinônimo de mente”⁵⁹. De fato, Maquiavel usa o termo *cervello*, que significa cérebro. A edição brasileira optou traduzir por “engenho”⁶⁰, diferente da tradução de Mansfield, que usa “mente”, como pudemos conferir acima. Com razão, as diferenças nas traduções se dão por uma questão interpretativa, uma vez que é possível utilizar as duas palavras. Mas, sem dúvidas, elas abrem caminhos para interpretações também diferentes. Giorgio Inglese, um dos filólogos italianos que se debruçou nos textos de Maquiavel, não faz nenhum comentário sobre o uso do termo *cervello*⁶¹, o que não nos ajuda a elucidar sobre o melhor modo de traduzi tal passagem. De qualquer modo, é importante marcar que Maquiavel não faz nenhuma referência direta de sua adesão às teorias médicas, apesar de usar vocábulos que fazem referência ao corpo humano. Por isso, é tão complicado afirmar que ele se baseia na medicina medieval e, em seguida, concluir que se trata de uma referência feita diretamente ao corpo humano, excluindo a possibilidade de se tratar de um uso figurativo (como faz a tradução brasileira). Logo, somos muito mais adeptos à uma interpretação que trata “mente” e “cervello” como referência, ou mesmo sinônimo, à “engenho”.

Quanto à imaginação, Maquiavel faria referências principalmente sobre sua dificuldade de funcionar corretamente, com sua tendência de gerar

⁵⁹ FISCHER, *op. cit.*, p. 802. “Also, since the faculties of the mind are housed in the ventricles of the brain, Machiavelli uses ‘brain’ (*cervello*) as a synonym for mind; [...]”.

⁶⁰ “E, como, para transformar em república uma província mais apta a ser reino, e em reino uma que seja mais apta a ser república, é preciso um homem raro em engenho e autoridade, muitos foram os que o quiseram fazer e poucos os que o souberam” (D, I, 55, p. 162, grifos nossos indicando o fragmento usado por Fischer).

⁶¹ Referência à versão original de 2015 comentada por Giorgio Inglese.

imagens e conceitos que não possuem correspondência com a realidade⁶². Ao contrastar a “verdade efetiva das coisas” com a sua imaginação, ele desdenharia (aos olhos de Fischer) daqueles que “imaginaram repúblicas e principados que jamais foram vistos e que nem se soube se existiram de verdade”⁶³. E, no caso da faculdade da memória⁶⁴, Fischer considera que Maquiavel pouco exemplificou em termos psicológicos, apesar do significado muito importante que assume na sua própria teoria. A Glória e a honra estão diretamente vinculados à questão da memória, do reconhecimento e da eternização da memória de um homem e de seu feito para a posteridade. Assim como também o poder de recordar castigos e punições que relembram os transgressores e geram medo nas pessoas. Também faz referências à memória quando trata da sucessão ou troca de linhagens, assim como da impossibilidade de esquecer a liberdade dos tempos livres da república⁶⁵.

Ainda sobre as faculdades mentais, mais especificamente a partir das diferenças entre estas faculdades, Fischer entende que Maquiavel propõe uma divisão da humanidade em três grandes tipos⁶⁶. O mais alto nível desta divisão corresponde aos homens cuja imaginação reconhece o verdadeiro bem, que consiste na glória perpétua conquistada por aqueles homens que se beneficiaram de instituições duradouras e que possuem engenhosidade para introduzir ordenações totalmente novas, usando da força e da fraude. São homens como Moisés e Rômulo, grandes legisladores. O segundo nível é constituído por homens que “enganados por um falso bem e uma falsa glória” procuram tyrannizar outros⁶⁷. São os príncipes, ou os nobres. Apesar de não serem inteligentes o suficiente para serem fundadores, possuem mais capacidade de previsão e mais astúcia

⁶² FISCHER, *op. cit.*, p. 802.

⁶³ MAQUIAVEL, P, XV, p.75.

⁶⁴ FISCHER, *op. cit.*, p. 803.

⁶⁵ FISCHER, *op. cit.*, p. 803.

⁶⁶ FISCHER, *op. cit.*, pp. 803-805.

⁶⁷ MAQUIAVEL, D, I, 10, p. 44.

que as pessoas comuns⁶⁸, além de serem suficientemente “conhecedores das coisas naturais” para manipular os vários tipos de fraudes, como que pretendendo ser virtuosos e promovendo a crença religiosa que aprova o seu governo⁶⁹. Contudo devemos fazer uma pequena observação, novamente, sobre a tradução. Na edição brasileira, da Martins Fontes, a tradução do texto de Maquiavel não expressa que os príncipes são necessariamente conhecedores das coisas naturais; pelo contrário, a frase é em tom de conselho sobre o que um príncipe deve fazer a favor da preservação da religião em seu reino ou em sua república: “E todas as coisas que surjam em favor da religião, ainda que possam ser julgadas falsas, devem ser por ele [príncipe de um reino ou de uma república] favorecidas e estimuladas; e tanto mais devem fazê-lo quanto mais prudentes e mais conhecedores forem das coisas naturais”⁷⁰. Parece, portanto, que o exemplo trazido por Fischer⁷¹ não é muito bem aplicável à sua hipótese de que Maquiavel defenderia que os príncipes e os nobres fossem conhecedores das coisas naturais.

Finalmente, a última categoria⁷², a do povo ou da multidão, representada como o terceiro tipo mental, cuja imaginação é limitada para as consequências imediatas das ações: “E sempre será fácil persuadir a multidão quando nas coisas propostas for visível o ganho, ainda que por trás dele haja perda; e quando elas parecem corajosas, ainda que por trás esteja a ruína da república”⁷³; ainda que o povo possa reconhecer a verdade quando algum homem sábio lhes exponha a verdade:

“E, em sendo falsas tais opiniões, há sempre o remédio das assembleias (*concioni*), nas quais surja algum

⁶⁸ FISCHER, *op. cit.*, p. 804.

⁶⁹ FISCHER, *op. cit.*, p. 804.

⁷⁰ MAQUIAVEL, D, I, 12, p. 53.

⁷¹ FISCHER, *op. cit.*, p. 804.

⁷² FISCHER, *op. cit.*, p. 804.

⁷³ MAQUIAVEL, D, I, 53, p. 154.

homem de bem que, discursando, lhes mostre que se enganam: e os povos, como diz Túlio, mesmo sendo ignorantes, são capazes de entender a verdade e facilmente cedem, quando a verdade lhes é dita por homem digno de fé”⁷⁴.

Na interpretação de Fischer, o povo cederia ou se submeteria à verdade sobretudo por respeito ao orador ou por sentir-se movido pela retórica, de modo que para Maquiavel, o povo sempre será persuadido, levado a acreditar na verdade por algum orador superior.

Fischer utiliza um exemplo dos *Discursos*, que reproduzimos aqui na versão traduzida por ele: “If a people hear two orators who incline to different sides, when they are of equal prowess, very few times does one see it not take up the better opinion, and not persuaded of the truth that it hears”⁷⁵. A passagem, no entanto, parece não coincidir integralmente com o texto original: “Quanto al giudicare le cose, si vede rarissimi quando egli ode duo concionanti che tendino in diversi parti, quando ei sono di equale virtù, che non pigli la opinione migliore e che non sia capace di quella verità che egli ode”⁷⁶. A tradução da edição brasileira publicada pela Martins Fontes parece dar um outro tom ao mesmo trecho, conferindo a ele sentido diverso: “são raríssimas as vezes em que, ouvindo dois oradores de tendências diferentes e igual *virtù*, ele [o povo] deixe de seguir a melhor opinião e *não seja capaz de entender a verdade que ouve*”⁷⁷ (grifos nossos). O uso da palavra “entender”, difere da possível interpretação de “ceder”, “persuadir”, “convencer”, que pode revelar um *não entendimento ou uma não compreensão* do que se fala, mas a concessão não por entendimento, e sim por respeito ou por deixar-se levar pelo discurso retórico, sem a habilidade de avaliar o que está sendo dito. A diferença nas

⁷⁴ MAQUIAVEL, D I, 4, p. 23.

⁷⁵ MAQUIAVEL, D, I, 58.

⁷⁶ MACHIAVELLI, **Discorsi sopra la prima deca di Tito Livio**. Introduzione di Gennaro sasso, premessa a testo e note di Giorgio Inglese. Milano: BUR, 2015, p. 182.

⁷⁷ MAQUIAVEL, D, I, 58, p. 170,

traduções, por tanto, torna a interpretação de Fischer sobre a capacidade mental limitada do povo questionável. Ainda reforça nossa posição o fato de que o capítulo em questão trata da defesa de Maquiavel de que o povo – que comanda e que tenha uma boa ordenação – é mais sábia, mais estável, mais prudente e mais grata do que um príncipe. Após afirmar que os escritores sempre tomam a multidão como instável e inconstante, Maquiavel inicia sua defesa a favor da multidão:

Digo, portanto, que do defeito de que os escritores acusam a multidão podem ser acusados todos os homens individualmente, e sobretudo os príncipes, porque qualquer um que não fosse regulado pelas leis cometeria os mesmos erros que comete a multidão irrefreada. E isso é fácil perceber, porque há e houve muitos príncipes, mas bons e sábios houve poucos⁷⁸.

E conclui no último parágrafo do mesmo capítulo:

Se, portanto, pensarmos num príncipe vinculado às leis e num povo acorrentado a elas, veremos mais *virtù* no povo que no príncipe; e se pensarmos em ambos irrefreados, veremos menos erro no povo que no príncipe, sendo tais erros menores e mais remediáveis. Porque, se um povo licencioso e tumultuário pode ser aconselhado por um homem bom, que facilmente o reconduz ao bom caminho, um mau príncipe não há quem consiga aconselhar⁷⁹.

Fischer insiste nas falhas da imaginação que afetam o julgamento daqueles que não são legisladores, nem príncipes afirmando que apesar do povo conseguir julgar coisas pequenas e específicas, não consegue abstrair para os universais, por isso, “a compreensão da *multitude* sobre a realidade é pobre⁸⁰”.

⁷⁸ MAQUIAVEL, D, I, 58, p. 167.

⁷⁹ MAQUIAVEL, D, I, 58, p. 171.

⁸⁰ FISCHER, *op. cit.*, p. 805.

Essa conclusão de Fischer nos parece problemática. Talvez a principal contraposição que podemos fazer a ela nos remete ao início dos *Discursos*, quando Maquiavel faz uma defesa dos tumultos que levaram à criação dos tribunos da plebe, que segundo ele, completaram a forma da república romana.

E foi-lhe tão agradável a fortuna que, embora se passasse do governo dos reis e dos optimates ao povo, por aquelas mesmas fases e pelas mesmas razões acima narradas, nunca se privou de autoridade o governo régio para dá-la aos optimates; e não se diminuiu de todo a autoridade dos optimates, para dá-la ao povo; mas permanecendo mista, constituiu-se uma república perfeita: perfeição a que se chegou devido à desunião entre plebe e senado, como nos dois próximos capítulos profusamente se demonstrará⁸¹.

Ao fazê-lo Maquiavel rompe radicalmente com a tradição ao defender a inclusão do povo nos assuntos da cidade. Se opõe à toda uma tradição que percebia no povo essa incapacidade de julgamento adequado. Uma tradição que remonta a Platão e à figura do governante sábio, reforçada por Políbio e defendida por Cícero. Maquiavel se opõe justamente ao cerne da questão ao vislumbrar no povo uma parte importante da cidade e, sobretudo, uma parte que possui desejos específicos, em grande medida incompatíveis com os daqueles que governam.

É certo que, para Maquiavel, o povo pode ser ludibriado, enganado ou mesmo corrompido. Mas isso diz respeito mais à forma de governo e sua corrupção do que propriamente à função do povo no seio da cidade.

3.3. Desejos

De acordo com Fischer, no que diz respeito às faculdades emotivas, Maquiavel menciona os sentimentos e os desejos. Os sentimentos são a raiva, o desespero, a inveja, o medo, o ódio, a esperança, a indignação, e

⁸¹ MAQUIAVEL, D I, 2, p.19.

o orgulho e podem se relacionar a diferentes objetos. Nos *Discursos*, pode-se observar que os imperadores romanos defenderam o amor pelo senado, que desde cedo os Romanos amaram sua pátria e suas leis, que as repúblicas têm amor por adquirir um império e mantê-los eles mesmos livres, que as pessoas da antiguidade têm um grande amor pela liberdade⁸².

Fischer lista os desejos mais conhecidos dos homens. A mais básica das finalidades desejadas é a autopreservação. Derivado do desejo de autopreservação, a busca pela eternização por meio da grandeza e da glória, também é um desejo. A busca da honra também entra nesta mesma linha. Este desejo por reconhecimento dotaria os indivíduos maquiavelianos com uma espécie de sociabilidade, pois honra e glória dependem inerentemente da interconexão da opinião de outros. Neste contexto, pode-se pensar que o desejo por glória e honra pode ser usado para fazer os indivíduos egoístas agirem em prol do bem comum, pois a tendência é que os homens admirem aqueles que os beneficiam⁸³. O exemplo dado é o do senado romano, que se utilizara do amor pela glória como uma espécie de mecanismo de controle dos cônsules. Contudo, reconhecimento não parece moldar os homens para a situação de cidadãos, os homens considerariam o uso dos meios públicos para alcançar honra e glória como uma maneira de alcançar a admiração de outros. Fischer conclui que o desejo por honra e glória dota os seres humanos de uma *unsocial sociality*, pois eles precisam que outros homens o admirem e reconheçam seus *status*, mas continuam tratando os outros como meios para alcançar satisfação⁸⁴.

Além da autopreservação, da honra e da glória, os seres humanos também desejam poder, liberdade e bens. É neste ponto que entra a ganância por dominação como característica especialmente dos nobres, enquanto os

⁸² FISCHER, *op. cit.*, p. 810.

⁸³ FISCHER, *op. cit.*, p. 811.

⁸⁴ FISCHER, *op. cit.*, p. 811.

muitos, em contraste, somente desejam não ser dominados e um grande desejo por viver livre⁸⁵. No entanto, Fischer ressalta que o desejo por liberdade não é uma finalidade em si mesma para os príncipes, nem para os muitos, pois esta seria apenas a condição para desfrutar de outros bens: no caso dos grandes, o desejo por liberdade é para comandar, enquanto os muitos desejam liberdade para viver em segurança. Assim, o amor mencionado pela liberdade, na verdade é, segundo Fischer, o amor por dominação e riqueza, baseados na experiência de que repúblicas livres prosperam mais do que as tiranias⁸⁶. O desejo por bens é igualado ao desejo por glória afirma Fischer⁸⁷ baseado nos *Discursos*, no capítulo que o florentino trata sobre as leis agrárias em Roma: “honra e pertencimentos [belongings] [...] como as coisas mais estimadas pelos homens⁸⁸”, tradução direta da frase usada por Fischer. No entanto, na tradução que estamos usando da Martins Fontes, o assunto é tratado de maneira bastante diferente: “Vê-se também por aí como os homens estimam mais o patrimônio que as honras⁸⁹. De fato, a versão brasileira parece mais adequada ao que escrevera o pensador florentino: “Vedesi per questo ancora, quanto gli uomini stimano più la roba che gli onori⁹⁰”, o que nos leva a entender que não há exatamente uma igualdade entre o amor por honras e pelo patrimônio nesta passagem que diz respeito a Roma já corrompida, no caminho da ruína republicana. A generalização da compreensão de Fischer, nos leva a corroborar com ele que ambos os desejos – por honra e por patrimônio – são individuais e não sociais. Logo abaixo retomaremos esta questão, pois aqui queremos apontar que a diferença na tradução pode levar também à perda da hipótese de que no

⁸⁵ FISCHER, *op. cit.*, pp. 811-813.

⁸⁶ FISCHER, *op. cit.*, p. 812.

⁸⁷ FISCHER, *op. cit.*, p. 812.

⁸⁸ [...] “honor and belongs... as the thing esteemed most by men”.

⁸⁹ MAQUIAVEL, D, I, 37, p. 116.

⁹⁰ MACHIAVELLI, **Discorsi sopra la prima deca di Tito Livio**. Introduzione di Gennaro sasso, premessa a testo e note di Giorgio Inglese. Milano: BUR, 2015, p. 142.

decorrer do processo de corrupção pode-se ter alterado a valoração das coisas, tendo a glória diminuído de importância em relação à posse de patrimônio, por exemplo. Logo, fazer uma generalização apoiada numa suposta generalização maquiaveliana, pode-se cair na falácia de perder a complexidade do pensamento do florentino. Considerando que os costumes atuam como uma segunda natureza para o florentino, argumento do próprio Fischer, perguntamos aqui: como responder à questão da honra, em outro momento, ter mais relevância que o patrimônio?

Assim, os pressupostos de Fischer para tratar a questão dos desejos em Maquiavel parecem trazer alguns problemas à compreensão dos escritos do florentino. Ao identificar uma sociabilidade pouco social, ou não social (*unsocial sociability*) ele parece ignorar a defesa que Maquiavel faz da sociabilidade humana. Maquiavel inicia os *Discursos* descrevendo o que teria sido o princípio das cidades⁹¹. Ao fazê-lo Maquiavel parece seguir uma longa tradição de autores que o fizeram praticamente nos mesmos termos⁹². Essa disposição de viver em comunidade, no entanto, não parece implicar em relações necessariamente justas nem no comprometimento em satisfazer os desejos alheios, como parece problematizar Fischer. Não podemos concordar que essa exigência que ele parece agregar à ideia de sociabilidade, pois ela parece condicionar a disposição ou necessidade de viver em uma comunidade política à disposição de praticar as virtudes tradicionais. Se assim o fosse não teríamos tantas obras de autores clássicos discorrendo sobre os problemas concernentes ao espaço público. Desde os objetivos da *República* de Platão, passando pela *Ética* e pela *Política* de Aristóteles, o *Tratado dos Deveres* de Cícero, assim como tantos outros que defendem que o homem enquanto animal político, para citarmos a referência mais

⁹¹ O que se pode ver pelo título do primeiro capítulo do Livro I dos Discursos: “Quais foram os princípios das cidades em geral e qual foi o de Roma”.

⁹² PLATONE. **Le Leggi**. Introduzione di Franco Ferrari, traduzione di Franco Ferrari e Silvia Poli. Milano: BUR, 2007, III. ARISTOTELE. **Politica**. A cura di Carlo Augusto Viano. Milano: BUR, 2002, II. POLYBE, *op. cit.*, VI. CÍCERO, **Tratado da República**, Tradução, introdução e notas de Francisco de Oliveira. Lisboa: Círculo de Leitores/Temas e Debates, 2008, I.

conhecida de Aristóteles, mas todos esses autores, ao mesmo tempo, problematizam nessas suas obras que se tornaram clássicas, o problema da justiça, das virtudes, do bem comum, dentre tantos outros. Maquiavel, nesse sentido, exporia essas características não sociais (*unsocial*) nos termos de Fischer, tanto quanto os outros autores clássicos que lidaram com o assunto.

A diferença seria o fato de Maquiavel expor com mais clareza essas características que se impõem pelo desejo de glória, por exemplo, e que (para Fischer) contrariam o bem comum. E, sobretudo, por admiti-las (com ressalvas, é bem verdade) no âmbito do governo. Ao invés de discutir a justiça e expor as injustiças – como havia feito Platão – ou apresentar a virtude como justa medida entre dois vícios – como fez Aristóteles – e assim sucessivamente, Maquiavel lida com as características humanas tal como elas se apresentam. Ele justifica:

[...] porque há tamanha distância entre como se vive e como se deveria viver que aquele que abandona o que se faz por aquilo que se deveria fazer aprende antes a arruinar-se que a sua preservar-se; pois um homem que queira fazer em todas as partes profissão de bondade deve arruinar-se entre tantos que não são bons⁹³.

Não podemos pensar que os outros autores clássicos não considerassem de fato essas características apontadas por Fischer como não sociais (*unsocial*), embora podemos afirmar que Maquiavel apontou soluções radicalmente diferentes das tradicionais, fato não mencionado por Fischer.

Além disso, afirmar que o desejo de glória é *unsocial* parece conferir à glória essencialmente caráter particular. Algo que também é discutível haja vista que ele parece ser pontuado nos textos de Maquiavel (assim como nos de Cícero) como um agir pela pátria. O desejo de glória seria parte inseparável da glória da República Romana, por exemplo. Nesse ponto específico, o anacronismo da leitura de Fischer parece distanciá-lo de uma

⁹³ MAQUIAVEL, P, XV, p. 75

compreensão mais precisa do sentido tanto da glória e, mais especificamente da glória pela guerra tal como tomado pelos antigos. Neles, o desejo de glória implicaria uma ação pela pátria e, para todos os efeitos, ganhar a guerra não é uma questão individual. Nesse sentido, o problema apontado por Fischer seria demasiado contemporâneo para se aplicar de forma adequada aos textos de Maquiavel.

3.4. Humores

Para provar que Maquiavel claramente acreditava na teoria medieval dos humores, Fischer (1997, P. 812) retoma a dedicatória de sua *História de Florença*, pela qual comprovaria esse pressuposto: “ele [Maquiavel] afirma ter reconstruído os ‘discursos e raciocínios privados’ de personagens na sua *História de Florença*, de acordo com o ‘humor adequado da pessoa que fala’⁹⁴. Na sequência ele menciona o poema *Da Fortuna* para confirmá-lo. De acordo com Fischer⁹⁵, a importância dos humores no terreno teórico maquiaveliano se dá na constatação da sua fixidez de temperamento que, por sua vez, impede os agentes de ajustar os seus modos de proceder à alteração das circunstâncias, de maneira que, a saúde ou a enfermidade decorreriam da conformidade dos atos gerados pelos humores com os da Fortuna⁹⁶. Há ainda outra referência dada por Fischer sobre este tema:

[...] mas tendo nascido numa república onde eram diferentes os cidadãos e diferentes os humores, *assim como houve um Fabio, que, no tempo devido, foi ótimo para conter a guerra, também houve depois Cipião, nos tempos que favoreciam a vitória.*

Disso provém que as repúblicas têm vida mais longa e mais demorada boa fortuna que os principados, porque podem, mais que os príncipes, acomodar-se à

⁹⁴ Referência à *História de Florença*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, Dedicatória, p. 05.

⁹⁵ FISCHER, *op. cit.*, p. 812.

⁹⁶ MAQUIAVEL, “Tercets on Fortune”, *apud* FISCHER, *op. cit.*, p. 813.

diversidade dos tempos, em razão da diversidade dos cidadãos que nelas há⁹⁷.

Ao recuperar a passagem, Fischer argumenta que o conceito de saúde humoral do pensamento medieval também foi aplicado por Maquiavel para os corpos políticos. Ele caracterizou dois tipos de homens que povoam todas as cidades como o humor dos grandes e o humor do povo. Segundo Fischer, Maquiavel afirmaria no *Remodeling Florence* e nos *Discursos*, que não se pode “acreditar que república seja duradoura onde esses humores (dos grandes e do povo) não estiverem satisfeitos, pois se não satisfeitos, arruinam repúblicas”⁹⁸.

Por último, Fischer considera que Maquiavel responsabilizaria os desastres naturais como expurgo das propensões nocivas que se acumularam na raça humana⁹⁹. Também, na *História de Florença*, descreve os humores como ódios entre facções que surgem internamente nas cidades. Além disso, Maquiavel apelaria para saídas legais para que os humores pudessem ser ventilados de modo seguro¹⁰⁰.

É interessante notar que, ao tratar da questão da Fortuna, Fischer não menciona o capítulo mais completo sobre o tema, a saber, o capítulo 25 do *Príncipe*. E, ao tratar da relação entre os humores dos grandes e do povo, tal como apresentados por Maquiavel, não mencione as três passagens em que essas relações e suas consequências são postas por Maquiavel¹⁰¹. Um diálogo com esses trechos teria sido mais desafiador,

⁹⁷ MAQUIAVEL, D, III, 9, p. 352.

⁹⁸ *Apud* FISCHER, *op. cit.*, p. 813. A passagem dos *Discursos* que Fischer aponta em nota de rodapé (74) é D, I, 2 (do 5º ao 7º parágrafo).

⁹⁹ *Apud* FISCHER, *op. cit.*, p. 813.

¹⁰⁰ *Apud* FISCHER, *op. cit.*, p. 813.

¹⁰¹ Maquiavel afirma em *Il Principe*, IX: “[...] in ogni città si truovono questi dua umori diversi; e nasce da questo, che il populo desidera non essere comandato né oppresso da’ grandi, e li grandi desiderano comandare e opprimere el populo” (MACHIAVELLI, *Il Principe*. Torino: Einaudi-Gallimard, 1961, p. 34). Afirmação semelhante aparece nos *Discorsi* I, 4, p. 209: “[...] in ogni republica due umori diversi, quello del populo, e quello de’ grandi; e come tutte le leggi che si fanno in favore della libertà, nascano dalla disunione loro” (MACHIAVELLI, *Discorsi sopra la prima deca di Tito Livio*. Introduzione di Gennaro sasso, premessa a testo e note di Giorgio Inglese. Milano:

mas teria possibilitado o enfrentamento mais direto da questão, enriquecendo a exposição do tema dos humores. Ao mesmo tempo, omitir tais passagens traz alguns problemas graves. A conclusão apresentada por Fischer segundo a qual quando os *humores, grandes e povo, não são satisfeitos arruinam as repúblicas* não parece corresponder ao pensamento de Maquiavel. Ao menos não de forma isolada. Os tumultos entre grandes e povo são postos por Maquiavel como constitutivos de todos os estados e mencionados em todas suas obras políticas. Em grade medida os tumultos seriam consequência da tentativa de cada um desses humores satisfazerem seus desejos específicos. No passado, os tumultos teriam possibilitado a completitude da constituição dos romanos e seriam a causa da liberdade de Roma. Mais tarde os tumultos teriam também levado ao fim da República, mais seria necessário se fazer uma investigação mais robusta sobre o tema para compreender efeitos tão diferentes.

Conclusão

Fischer parte do pressuposto de que há uma essência humana no pensamento de Maquiavel. Dado o pressuposto, insiste que Maquiavel deriva sua visão da essência humana da medicina e da psicologia medieval¹⁰². Para fazê-lo o autor investe em muitos temas diferentes, alguns, inclusive, não mencionado aqui, tais como: “Ambição e licença”¹⁰³; “A natureza vulgar dos homens”¹⁰⁴; Hábitos: atributos acidentais¹⁰⁵; O

BUR, 2015, p. 71). E ainda nas *Istorie Fiorentine*, III, 1: “Le gravi e naturali nimicizie che sono intra gli uomini popolari e i nobili, causate da il volere questi comandare e quegli non ubbidire, sono cagione di tutti i mali che nascono nelle città [...]” (MACHIAVELLI. *Istorie Florentine*. In: MACHIAVELLI, **Opere**. Torino: Einaudi-Gallimard, 1997, p. 423).

¹⁰² FISCHER, *op. cit.*, p. 828.

¹⁰³ FISCHER, *op. cit.*, p. 813.

¹⁰⁴ FISCHER, *op. cit.*, p. 816.

¹⁰⁵ FISCHER, *op. cit.*, p. 819.

problema da pátria¹⁰⁶ e o *Vivere civile*¹⁰⁷. Neste último constrói sua base argumentativa a partir de uma certa visão baseada na influência aristotélica sobre o denominado *vivere civile*, o que o leva a uma oposição radical a Pocock. Não nos caberia discutir os termos dessa oposição, mas não podemos deixar de mencionar que seria necessário investigar melhor a composição de influências culturais e teóricas do chamado *vivere civile*. Faz-se necessário mencionar que Maquiavel está muito mais interessado em debater os problemas de seu tempo – tomando como fundamento teorias clássicas para, a partir de então, desenvolver suas posições – do que se filiar a tradições teóricas.

A investigação de Fischer é bastante original e ele é um dos primeiros autores a investigar o tema dos desejos em Maquiavel tomando-o a partir do arcabouço teórico da psicologia. Seu trabalho é monumental e não é possível se propor a um esforço dessa dimensão sem dificuldades e sem se expor a riscos. Dentre esses riscos, não se pode deixar de mencionar que, em muitas situações, Fischer se apoia no trabalho de Anthony Parel, mas se vale das conclusões do autor sem justificá-las, tomando-as como pressupostos. Um debate mais aberto, que verificasse tais pressupostos e os defendesse tomando por fundamento os textos de Maquiavel e outras fontes medievais ou renascentistas teria dado mais profundidade ao artigo e colaborado para consolidar as afirmações de Parel, se este fosse o caso.

Fischer parte do tema dos humores, dos desejos contraditórios dos grandes e do povo em Maquiavel. O tema, de fato, é estruturante no pensamento de Maquiavel, mas seu objetivo, o de Fischer, no entanto, é distinto dos objetivos do pensador quinhentista. Enquanto o secretário florentino parte dos humores para compreender o funcionamento da política, as ordenações do espaço público e os tumultos que caracterizam esse espaço, Fischer inverte a direção de sua investigação e parece se dedicar a encontrar uma essência dos sujeitos que incorporariam esses

¹⁰⁶ FISCHER, *op. cit.*, p. 823.

¹⁰⁷ FISCHER, *op. cit.*, p. 825.

desejos postos por Maquiavel. Busca uma essência humana que seria sobretudo desejanter. Para ele, seria possível partir dos desejos postos por Maquiavel na teoria dos humores para investigar a essência humana. Ao fazê-lo, no entanto, apresenta um problema que não compõe as preocupações teórico conceituais de Maquiavel e chega a conclusões de difícil amálgama às principais conclusões de Maquiavel.

Além disso, acreditamos que as traduções dos livros de Maquiavel usadas por Fischer, especialmente os *Discursos*, contém problemas que influenciam no seu modo de interpretar o florentino. Apontamos, ao longo deste artigo, alguns dos problemas de tradução que tanto são de ordem interpretativa, o que abre possibilidades diversas de análise dos textos maquiavelianos; quanto erros que facilitam os equívocos de leitura. Então, aqui, criticamos os pressupostos de Fischer, mas também as traduções escolhidas, pois conduziram a conclusões muito questionáveis.

Por fim, Fischer faz um esforço para categorizar um elemento que Maquiavel não categorizou ou organizou de maneira sistemática. Porém, a amplitude conferida ao seu objeto não possibilita, a nosso ver, nem uma sistematização adequada, nem uma investigação aprofundada. Ainda assim, o tema a que ele se propõe, procurar sistematizar uma “psicologia” em Maquiavel a partir dos pressupostos da “psicologia” medieval é muito interessante. Acreditamos, no entanto, que uma investigação mais tradicional, não anacrônica, e que aprofundasse semelhanças e distanciamentos do tratamento dado aos humores ou a outros elementos da medicina medieval traria contribuições consideráveis aos estudos sobre os humores, assim como sobre a apropriação que Maquiavel faz deles.